

QUATRO NOVAS EXPOSIÇÕES NO CENTRO CULTURAL CORREIOS, RJ

“OPTCHÁ – A ESTRADA É O DESTINO”

Katia Politzer apresenta trabalhos inéditos tendo a cultura cigana como referência na formação da gente brasileira



Estrela

Foto: Divulgação

Ancestralidade, identidade, migração, diáspora, sincretismo e respeito à diferença: eis o arco de humanidade aqui envolvido. A busca por liberdade, a conexão com a natureza, uma intuição aguçada e a celebração da vida são as características da alma cigana que mais interessam à artista.

A saudação “*Optchá*” (que significa “Viva!”, “Salve!”) convida à experiência de esculturas variáveis do pequeno ao grande formato, que agem tanto nas paredes quanto nos espaços da galeria institucional – com domínio têxtil e acréscimo de objetos do cotidiano desse grupo social. Dentre os trabalhos inéditos destacam-se “*Catarina vem das Canárias*” (2023), a série “*7 Estandartes*” (2024), “*Vurdon*” (2023) e “*Magia Cigana*” (2024) – em que a artista manipula fotografias documentais e procedimentos escultóricos manuais, cujos efeitos vão da pintura conceitual ao desenho contemporâneo.

Outro ponto alto da mostra, o autorretrato “*Quase rosto*”, feito durante a reclusão da pandemia, em 2020, reproduz



Catarina

Foto: Divulgação

textos da filosofia cigana bordados em tecido e costurados. O rosto, em pintura acrílica, é parcialmente encoberto por um véu de tule. O título se refere ao texto *Invenção da Histeria* de Georges Didi-Huberman.

Em termos formais, Katia trabalha com estandartes, trouxas, símbolos, tenda, manto, entre outros elementos, fazendo uso do têxtil – fitas e tecidos de algodão, chita e cetim. A chita, originária da Índia assim como os ciganos, insere florais e coloridos fortes, presentes também na maioria das festas tradicionais brasileiras, bem como cetim e dourados, típicos desta cultura. Esses e outros materiais, como cerâmica, vidro e ferro, são apresentados em forma de escultura, pintura, fotografia, patchwork, costura e bordados manuais.

Uma curiosidade: a população cigana no Brasil é estimada entre 800 mil e 1 milhão de pessoas, das quais quase 80% não são mais nômades.

SOBRE A ARTISTA

Nascida no Rio de Janeiro, Katia Politzer desenvolve seu

trabalho artístico em projetos. Dependendo da base conceitual, podem ser desenhos, pinturas, esculturas ou instalações. Explorando conceitos e referências históricas, utiliza materiais que variam da cerâmica e vidro ao tecido, do cimento e silicone a matérias orgânicas como o pão e o mofo. A partir de objetos do cotidiano investiga questões da memória, ancestralidade, com camadas de autobiografia, e da diversidade, com relações que vão do afeto à exclusão. A descriminalização de repertórios marginalizados ou negligenciados culturalmente é grande parte de pesquisas da artista.

“A minha ancestralidade é composta por migrações, diásporas e contribuições à identidade brasileira de dois povos que sofreram muitas perseguições: de um lado os judeus; de outro, os ciganos. Ambos sofreram na Inquisição e quase foram dizimados no Holocausto”, diz Katia Politzer, que vive e trabalha no Rio.



Cruz de Camargue

Foto: Divulgação

“IGBÁ ODÙ: OS BRAÇOS FORTES DA MEMÓRIA”

Individual da artista Reitchel Komch propõe questionamentos sobre a diáspora africana no Brasil



Na mostra, Reitchel Komch instiga o espectador com suas narrativas da diáspora africana no Brasil, bem como utopias de superação de um processo social historicamente nocivo à matriz negra. Com obras de pequenos e grandes formatos, a artista manipula a equação “representação na arte para gerar representatividade civil”.

Deuses, mitos e lendas em torno do tempo (Iroko), rondando os lugares laconicamente reticentes sobre sua própria ancestralidade, conduzem Reitchel Komch na busca de autoconhecimento, representatividade e redefinição de seu lugar social, rompendo paradigmas e reestruturando sua psique. O Tempo (Orixá) é libertário, agente do destino que entrega relatos da diáspora negra, possibilitando resgates emocionais através da volta às origens.

Segundo a artista, “trata-se de uma visão da arte onde pinturas, esculturas, totens e portais simbolizam uma progressão espiritual do mundo físico. Utilizando cabaças, fios têxteis (juta, algodão, linho) e hastes de ferro, eu me questiono: onde estão as nossas vozes?”

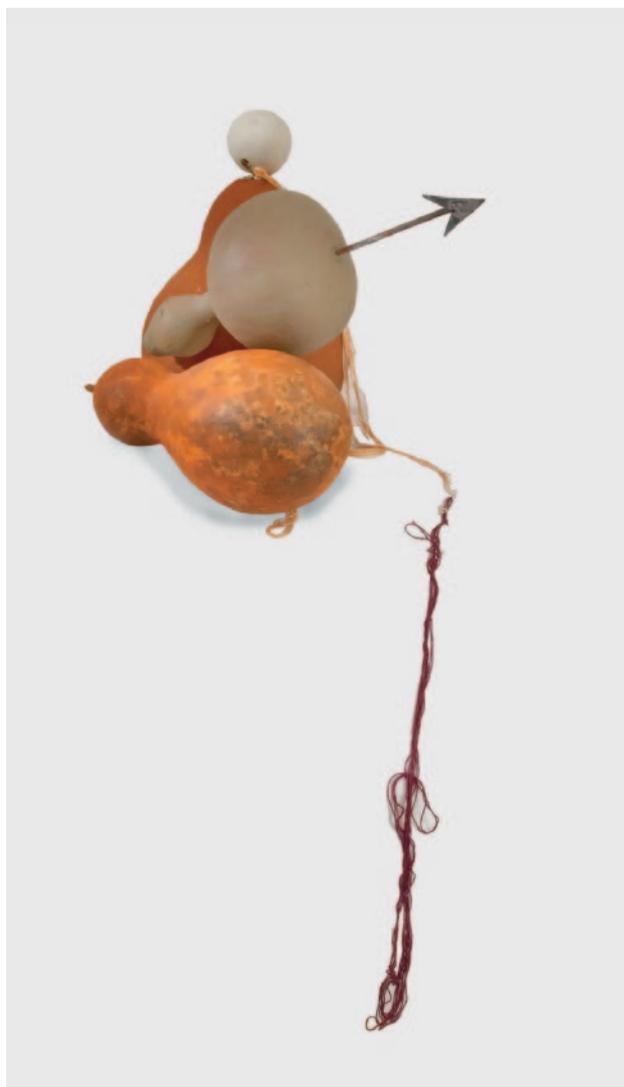
SOBRE A ARTISTA

Carioca, vive e trabalha no Rio de Janeiro. Com tendência neoexpressionista, atua em suportes diversos. Entre suas mostras individuais, *“Giras da vida: entre o Vurdon e o Irokô”* (Galeria MBlois, Rio, 2023) e *“Dos Gestos e do Tempo”* (Espaço Cultural Correios, Niterói, 2019).

Entre outras exposições coletivas, *“Mata-mata”* (EAV-Parque Lage, Rio, 2024); 14ª edição dos *“Artistas Sem Galeria”* (Zipper Galeria, São Paulo, 2023); *“Assoma”* (EAV-Parque Lage, Rio, 2023) e *“Territórios Insustentáveis”* (Galeria do Consulado da Argentina, 2022).

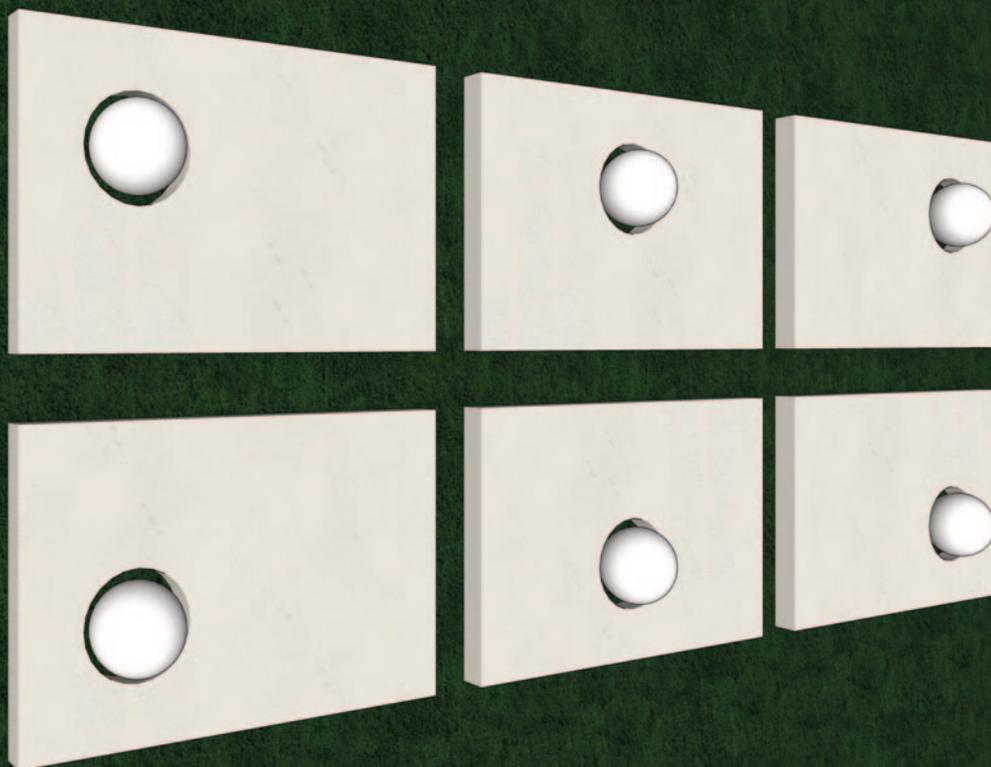


Fotos: Divulgação



“A OBRA É O JOGO”

Mostra de Dorys Daher une o universo da sinuca à arquitetura e as artes visuais



Debaixo do pano verde

Foto: Divulgação

Através de suas obras, Daher explora as relações entre o espaço e o jogo, transitando por múltiplas linguagens contemporâneas: fotografias impressas sobre tecido e vinil, um painel módulos de aço inox (medindo 60 por 100 cm, cada), escultura em mármore com bolas de sinuca, tacos de madeira e até uma toalha de linho bordada.

Dorys Daher, que também é arquiteta, investiga a interação entre artes visuais, arquitetura e vivências cotidianas, promovendo reflexões sobre o espaço e o corpo. Suas obras dialogam com memórias afetivas e experiências contemporâneas, rompendo fronteiras entre o familiar e o experimental.

“A disposição dos meus trabalhos no espaço combina referências do design arquitetônico com movimentos coreografados em torno de uma mesa de sinuca, criando um diálogo entre o jogo, o ateliê e o escritório de arquitetura”, explica a artista.

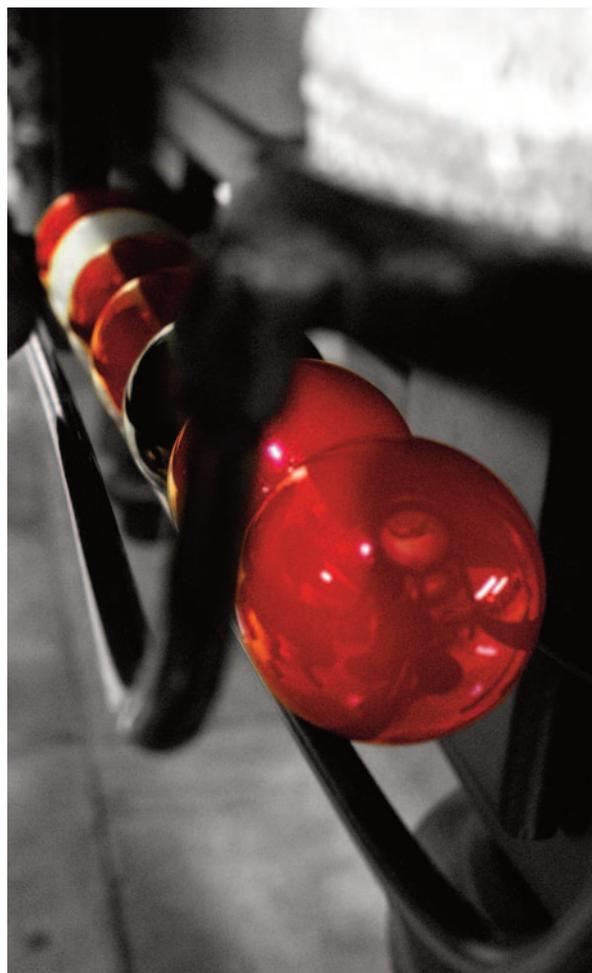
“Em ‘A Obra é o Jogo’ Dorys tece uma narrativa afetiva em suas criações, resgatando memórias de sua infância em Ipameri, Goiás, e da herança cultural de sua família

sírio-libanesa. A mesa de jantar, tradicional centro de reunião familiar, se transforma em um ponto de convergência entre o bordado das toalhas, as experiências artísticas e as lembranças de sua trajetória pessoal. Nesse cenário, ela rompe preconceitos e celebra a relação entre a geometria, a dança e a ocupação do espaço, elementos que moldaram sua visão de mundo”, explica a curadora, Aline Reis.



Gargantilha

Foto: Divulgação



Ângulo 2

Foto: Divulgação

"NASCE UMA NOITE, ACENDE UM CLARÃO"

Individual de Ilka Lemos homenageia e celebra o ciclo de vida das mulheres





Foto: Filipe Berndt / Divulgação

Ilka Lemos inaugura a itinerância de sua exposição *"Nasce uma noite, acende um clarão"*. A mostra, que teve sua estreia em 2024, no espaço Fonte, em São Paulo, conta com curadoria de Nino Cais e texto crítico de Paula Borghi. Apresenta uma série de trabalhos desenvolvidos de 2007 até 2024, enfatizando sua produção mais recente.

A artista transita por diversas técnicas como pintura, desenho, escultura, fotografia e instalação, e aborda questões como o envelhecimento.

Nas palavras do curador, *"Ilka Lemos traz em sua arte a figura da mulher que carrega o tempo passado e o tempo presente. Metaforicamente ela é sua filha, mãe e avó, pois seu trabalho é um fazer contínuo para se erguer uma tocha que acende e revela"*.

Amparada pela figura bíblica de Lilith, a primeira mulher na história ocidental que habitou a Terra e soube dizer não, a mostra homenageia e celebra o ciclo de vida das mulheres. A artista encara o tempo com a consciência de que tudo lhe é imanente, por meio de um olhar matriarcal que se debruça sobre sua árvore genealógica.

SOBRE A ARTISTA

Ilka Lemos (Araçatuba, 1957) vive e trabalha em São

Paulo. A raiz de suas investigações encontra-se na mitologia da figura da Lilith como a primeira mulher na história ocidental que não se sujeitou. Sua produção não se restringe a uma única linguagem; ao desenvolver trabalhos têxteis, desenhos, instalações, esculturas, cerâmicas, pinturas e intervenções em fotografias, ela pesquisa as potencialidades do corpo feminino. Teve sua individual *"Panorama"*, com curadoria de Juliana Monachesi, na Rua13, (SP, 2021) e participou de exposições coletivas como *"54a Arte Koguei Bunkyo"*, Espaço Cultural Bunkyo, (SP, 2024); *"Handmade: enredos femininos"*, Centro Cultural Correios, (RJ, 2024); *"Cama de Gato"*, Edifício Vera, (SP, 2024) e *"Radar"*, Radar Arte, (SP, 2024).

SERVIÇO

"Optchá – Não é o destino, mas a estrada que importa", de Katia Politzer

"Igbá Odù: Os braços fortes da Memória", de Reitchel Komch
"A Obra é o Jogo", de Dorys Daher

"Nasce uma noite, acende um clarão", de Ilka Lemos

Até 8 de março

Centro Cultural Correios RJ

Rua Visconde de Itaboraá, 20, Centro, Rio de Janeiro / RJ

Dias/Horários: de terça a sábado, das 12h às 19h

Entrada gratuita

Contatos Katia Politzer: (21) 99833-3031/ www.katiapolitzer.com/
[@polizerkatia/kpolitzer@gmail.com/](mailto:@polizerkatia/kpolitzer@gmail.com)
[Youtube.com/katiapolitzer6998](https://www.youtube.com/katiapolitzer6998)

Contato Reitchel Komch: [@reitchelkomch](https://www.instagram.com/reitchelkomch)

Contato Dorys Daher: dorys.daher.org

Contato Ilka Lemos: [@ilkalemos_atelie](https://www.instagram.com/ilkalemos_atelie)